

# OITO DETETIVES



Toda investigação  
parte de evidências.  
Mas e se elas fossem  
disfarces de algo  
mais grave?

ALEX PAVESI



FARO  
EDITORIAL



**OITO DETETIVES**

**ALEX PAVESI**

**EIGHT DETECTIVES**  
**COPYRIGHT © 2020 BY ALEX PAVESI**  
**ALL RIGHTS RESERVED.**  
**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021**  
**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.*

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**  
Preparação: **FRANCINE PORFIRIO**  
Revisão: **THAÍS ENTRIEL E DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**  
Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**  
Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pavesi, Alex

Oito detetives / Alex Pavesi; tradução de André Gordirro. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

288 p.

ISBN 978-65-86041-60-6

Título original: Eight Detectives

1. Ficção inglesa I. Título II. Gordirro, André

20-4299

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

 **FARO  
EDITORIAL**

1ª edição brasileira: 2021  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310  
Alphaville - Barueri - SP - Brasil  
CEP: 06473-000  
[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



# 1

Espanha, 1930

*“Acho que tem alguma coisa errada.”*

**OS DOIS SUSPEITOS ESTAVAM SENTADOS EM MÓVEIS DESCOMBINADOS DENTRO** do salão branco e quase sem decoração, esperando que algo acontecesse. Entre eles, um arco levava a uma escadaria estreita e sem janelas. No meio da subida, a escada mudava de direção, escondendo o andar superior e dando a impressão de que levava à escuridão e nada mais.

— É um inferno ficar esperando aqui. — Megan estava sentada à direita do arco. — Quanto tempo normalmente leva uma sesta, afinal?

Ela foi até a janela. Lá fora, a paisagem interiorana da Espanha era de um tom laranja. Parecia deserta no calor.

— Uma ou duas horas, mas ele andou bebendo. — Henry, com um violão apoiado no colo, estava sentado de lado, com as pernas sobre o braço da poltrona. — Conhecendo Bunny, ele vai dormir até a hora do jantar.

Megan foi até o armário de bebidas, examinou as garrafas e virou cuidadosamente cada uma até que todos os rótulos estivessem voltados para fora. Henry tirou o cigarro da boca e o segurou diante do olho direito, fingindo observá-la através dele: um telescópio falso.

— Você está inquieta de novo.

Ela vinha andando de um lado para o outro na maior parte da tarde. O salão, com azulejos brancos e superfícies limpas, lembrava a sala de espera de um médico; os dois poderiam estar em um hospital antigo de onde eles vieram, em vez de uma estranha vila espanhola no topo de uma colina.

— Se estou inquieta — murmurou Megan —, você não para de falar.

Algumas horas antes, eles estavam almoçando com Bunny em uma pequena taverna na vila mais próxima, a trinta minutos de caminhada pela floresta saindo da casa dele. Ao verem Bunny se levantar ao fim da refeição, os dois logo notaram como ele estava bêbado.

— Precisamos conversar — dissera ele com a voz grogue. — Vocês provavelmente já se perguntaram por que os chamei aqui. Tem algo que eu gostaria de conversar há muito tempo.

Era uma coisa sinistra de se dizer para os dois convidados, ambos inteiramente dependentes dele em um país onde nunca estiveram antes.

— Quando voltarmos para casa, apenas nós três.

Eles levaram quase uma hora para voltar andando, com Bunny lutando para subir a colina como um burro velho; seu terno cinza em contraste com a terra vermelha. Parecia um absurdo agora pensar nos três juntos em Oxford, todos aqueles anos atrás; Bunny aparentemente envelheceu dez anos mais do que os dois.

— Eu preciso descansar — dissera ele com a fala arrastada, depois de deixá-los entrar na casa. — Me deem um tempo para dormir, depois a gente conversa.

Assim, enquanto Bunny subia a escada a fim de dormir para não sentir o calor da tarde, Megan e Henry haviam desabado em poltronas dos dois lados da escadaria.

— Uma breve sesta.

Isso foi há quase três horas.

Megan estava olhando pela janela. Henry se inclinou para a frente e contou o número de azulejos entre os dois: ela estava na diagonal diante dele, a uma distância de sete azulejos brancos.

— Parece um tabuleiro de xadrez — disse Henry. — É por isso que você não para de andar? Está dispondo as peças para um ataque?

Megan se virou para encará-lo, seus olhos se estreitaram.

— O xadrez é uma metáfora barata. É o que os homens usam quando querem falar de maneira grandiosa a respeito de conflitos.

Havia uma discussão se desenvolvendo entre os dois a tarde toda, desde que Bunny interrompera o almoço subitamente. Megan olhou pela janela novamente e lá estava ela, tão inevitável quanto o clima: a discussão iminente, uma mancha negra no céu azul.

— A essência do xadrez são as regras e a simetria — continuou ela —, mas o conflito geralmente é apenas cruel e sujo.

Henry dedilhou o violão como uma maneira de mudar de assunto.  
— Você sabe como afinar isso aqui? — Ele tinha encontrado o instrumento pendurado na parede acima da poltrona. — Eu poderia tocar se estivesse afinado.

— Não — respondeu Megan e saiu da sala.

Ele a observou entrar na casa; versões sucessivamente menores de Megan enquadradas por outras portas ao longo do corredor. Então, acendeu outro cigarro.

— Quando você acha que ele vai acordar? Eu gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

Megan estava de volta, a maior versão dela ficou parada na porta mais próxima.

— Vai saber — respondeu Henry. — No momento, Bunny está dormindo o sono de quem acabou de almoçar.

Ela não sorriu.

— Vá em frente e saia — disse Henry. — Acho que qualquer coisa que ele tenha a dizer pode esperar.

Megan fez uma pausa, com o rosto tão imaculado e ilegível quanto nas fotos de divulgação. Ela era uma atriz, por profissão.

— Você sabe o que ele vai nos dizer?

Henry hesitou.

— Acho que não.

— Beleza. Eu vou lá fora, então.

Ele concordou com a cabeça. O corredor se afastava do salão na direção para a qual Henry estava voltado, e ele viu Megan percorrê-lo e sair por uma porta no fim; as escadas estavam à esquerda. Henry continuou brincando com as cordas do violão até que uma delas estalou, o metal chicoteou e cortou as costas de sua mão.

Naquele momento, a sala escureceu e ele se virou automaticamente para a direita: Megan estava na janela, olhando para dentro, com as colinas vermelhas atrás dando um brilho demoníaco ao seu contorno. Ela não parecia capaz de vê-lo; talvez o dia lá fora estivesse muito claro. Mas Henry se sentiu como uma criatura em um zoológico mesmo assim, com as costas da mão na boca, os dedos pendurados no queixo, enquanto chupava o pequeno corte.

## MEGAN SE REFUGIOU NO LADO SOMBREADO DA CASA

Parada em uma moita de flores silvestres, ela se recostou no prédio e fechou os olhos. De algum lugar próximo, veio um som suave e percussivo: *dip, dip, dip*. Parecia vir de trás dela. Megan pensou a princípio que fosse o som do violão atravessando as paredes, mas não era melódico o suficiente para isso. Era muito fraco — quase nem estava presente —, mas ela ainda conseguia ouvir, tão inconfundível quanto uma pedra no sapato.

*Dip. Dip. Dip.*

Megan se virou e olhou para cima. Através de uma grade de ferro forjado, ela viu uma mosca batendo sem parar na janela fechada do quarto de Bunny. A janela vizinha à dela, no último andar da casa. Era apenas uma mosquinha tentando escapar; então, Megan viu que havia duas. Três, na verdade. Agora quatro. Um enxame inteiro de moscas tentava sair. O canto da janela estava escuro com elas. Megan imaginou as moscas mortas empilhadas no parapeito da janela. Ela encontrou uma pedrinha no chão e a jogou na janela; a nuvem negra se espalhou diante do ruído audível, mas não veio nenhum som do interior. Megan tentou novamente, mas não conseguiu despertar o anfitrião adormecido.

Ela ficou impaciente e pegou um punhado inteiro de pedras, jogou uma atrás da outra até que as mãos estivessem vazias. Então deu a volta por trás da casa, entrou pela porta e atravessou o corredor até o pé da escada, onde Henry, surpreso pela aparição súbita, deixou cair o violão, fazendo barulho no chão branco e frio.

— Acho que devemos acordar o Bunny.

Ele viu que Megan estava preocupada.

— Você acha que tem alguma coisa errada?

Na verdade, ela estava com raiva.

— Acho que devemos verificar.

Megan começou a subir a escada. Ele estava seguindo logo atrás quando ela viu algo que a fez parar e gritar. Instintivamente, Henry a abraçou. Foi uma tentativa de mantê-la calma, mas de uma maneira tão atrapalhada que deixou os dois agarrados, incapazes de se mover.

— Me largue!

Megan se soltou com uma cotovelada e correu para a frente, e então, com os ombros dela fora do caminho, Henry viu o que ela tinha visto: um



filete de sangue que se estendia da porta de Bunny para o topo da escada, apontando diretamente para seus pés.

Nenhum dos dois jamais havia visto tanto sangue. Bunny estava deitado de bruços nos lençóis. Um cabo de faca surgia das costas dele, com um rastro vermelho irregular que seguia até a extremidade mais baixa da cama. A lâmina estava quase totalmente escondida; os dois conseguiram enxergar apenas uma fina linha de prata entre o corpo de Bunny e o cabo preto.

— É ali que está o coração dele — disse Megan.

O cabo em si poderia ter feito parte de um relógio solar, com o cadáver marcando a passagem do tempo, sem saber.

Ela se aproximou da cama, contornando as poças no chão. Quando Megan estava a um passo do corpo, Henry a deteve.

— Você acha que deveríamos?

— Preciso verificar.

Indo contra o bom senso, ela pressionou dois dedos na lateral do pescoço dele. Não sentiu pulsação e balançou a cabeça.

— Isso não pode ser verdade.

Em estado de choque, Henry sentou-se na beira do colchão; o peso fez com que as manchas de sangue se espalhassem em sua direção, e ele pulou como se estivesse acordando de um pesadelo. Henry olhou para a porta e depois voltou-se para Megan.

— O assassino ainda pode estar aqui — sussurrou ele. — Vou procurar nos outros quartos.

— Ok — sussurrou Megan de volta; e por ser atriz, ela sussurrou de uma maneira tão clara quanto se tivesse falado. Foi quase sarcástico. — E verifique se todas as janelas estão trancadas.

— Espere aqui. — E ele foi embora.

Megan tentou respirar fundo, mas o ar no quarto já estava podre, e as poucas moscas denunciadoras ainda estavam batendo contra a janela naquele dia escaldante. Elas deviam ter se cansado do cadáver. Megan se aproximou e ergueu a janela alguns centímetros. As moscas dispararam e se dissolveram no céu azul, como grãos de sal misturados à sopa. Enquanto ela ficou parada ali, gelada do choque, ouviu Henry vasculhando os cômodos próximos, provavelmente abrindo guarda-roupas e olhando embaixo das camas.

Ele apareceu na porta novamente, com uma expressão decepcionada.

— Não tem ninguém aqui em cima.



— Todas as janelas estavam trancadas?

— Sim, eu verifiquei.

— Foi o que pensei — disse ela. — Bunny trancou tudo obsessivamente antes de sairmos para o almoço. Eu o vi fazer isso.

— E aquelas portas estão trancadas?

Henry indicou com a mão as duas portas da varanda atrás dela. Megan foi até elas e puxou as alças. As portas estavam aferrolhadas por dentro nas partes de cima, do meio e de baixo.

— Sim — respondeu ela, sentando-se na beira da cama e ignorando o sangue que se espalhava. — Henry, você sabe o que isso significa?

Ele franziu a testa.

— Significa que eles devem ter saído pela escada. Vou trancar todas as portas e janelas no andar de baixo. Fique aqui, Megan.

— Espere... — começou ela, mas ele já havia desaparecido.

Megan ouviu os pés descalços de Henry batendo sem musicalidade nos degraus, que eram tão brancos e duros quanto teclas de piano. Ouviu-o parar quando chegou à curva da escada e bater a palma da mão contra a parede para se firmar, depois ouviu o resto de seus movimentos no andar de baixo.

Ela abriu uma gaveta da cômoda de Bunny, não havia nada além de cuecas e um relógio de ouro. Outra continha um diário e pijamas. Ele adormeceu vestido, obviamente. Megan pegou o diário e folheou as páginas. Os registros haviam parado há quase um ano. Ela o guardou de volta, então olhou para o relógio.

Quanto tempo ela teria que esperar aqui, permitindo a demonstração improvisada de tomada de controle por parte de Henry, antes que pudesse descer e confrontá-lo?

**VISTO QUE A CADA PORTA QUE HENRY FECHAVA, A CASA FICAVA MAIS QUENTE,** embora tivesse começado o processo rapidamente, agora ele se movia devagar e metodicamente, respirando com dificuldade e andando por cada cômodo várias vezes para garantir não ter deixado nada passar. A disposição dos ambientes era confusa, e Henry se perguntou por que Bunny tinha vindo morar sozinho em uma casa tão grande. Nenhum dos cômodos parecia ter o mesmo formato ou tamanho, e muitos não tinham janelas. “Sem luz, mas com a escuridão visível.” Era o que a pessoa construía quando tinha dinheiro, supôs ele.

Henry voltou para a sala e encontrou Megan lá, empoleirada na poltrona em que ele esteve sentado e fumando um de seus cigarros. Henry achou que deveria dizer algo divertido, para adiar o confronto com a realidade pelo menos por um momento.

— Tudo o que você precisa é de um violão e um corte de cabelo, e isso seria como se olhar no espelho.

Megan não respondeu.

— Eles foram embora — disse ele. — Há muitas janelas e portas por aqui, é claro. Podem ter saído da maneira que quisessem.

Lentamente, ela largou o cigarro em um cinzeiro e pegou uma faca pequena que havia colocado ao lado. Henry nem tinha percebido a faca; era apenas mais um objeto fino que se misturava à sala pouco decorada. Megan se levantou e segurou a faca, a ponta na direção do peito de Henry.

— Não se mexa — ordenou ela em voz baixa. — Fique parado aí. Nós precisamos conversar.

Henry se afastou de Megan. A parte de trás dos joelhos encostou na poltrona oposta à dela, e seu corpo desmoronou no assento. Megan levou um susto com aquele movimento repentino e, por um momento, ele se sentiu impotente, agarrando os braços da poltrona em desespero. Mas ela ficou onde estava.

— Você vai me matar, Megan?

— Só se você me obrigar.

— Eu nunca consegui obrigar você a nada. — Ele suspirou. — Pode me passar um cigarro? Estou preocupado que, se eu esticar a mão para pegar um, possa perder um ou dois dedos. Posso acabar fumando meu próprio polegar como um charutinho.

Ela retirou um cigarro do maço e jogou-o na direção de Henry, que o pegou e acendeu com cuidado.

— Bem — disse Henry —, você esteve procurando uma discussão a tarde toda, mas imaginei algo mais civilizado do que isso. Qual é a ideia?

Megan falou com a confiança de alguém que superou o inimigo:

— Você está tentando fingir calma, Henry, mas suas mãos estão tremendo.

— Talvez eu esteja com frio. É impressão minha ou o verão espanhol está um pouco cortante este ano?

— E ainda assim o suor está escorrendo de você.

— O que esperava? Você está com uma faca na minha cara.

— É uma faca pequena, você é um cara grande. E ela nem está perto do seu rosto. Você está tremendo porque está preocupado em ser descoberto, e não por achar que vou machucá-lo.

— O que está insinuando?

— Bem, estes são os fatos. Existem cinco quartos no andar de cima. Todos têm barras nas janelas. Barras pretas grossas, do tipo que vemos em desenhos animados. Dois dos quartos têm portas que dão para varandas, e ambas estavam trancadas. As janelas também. Você mesmo verificou agora. Há apenas uma escadaria que leva ao andar superior, bem aqui. Isso tudo parece correto?

Ele concordou com a cabeça.

— Então, quem matou Bunny deve ter subido a escada — Megan apontou para a curva sombria da escada — e deve ter descido por ela. E você está sentado aqui, ao pé da escada, desde que voltamos do almoço.

Henry deu de ombros.

— E daí? Você não está insinuando que eu tenho algo a ver com isso, está?

— É exatamente isso que estou fazendo. Ou você viu o assassino subindo aquela escada ou subiu lá você mesmo, o que o torna um assassino ou cúmplice. E não acho que você esteja aqui há tempo suficiente para ter feito amigos.

Ele fechou os olhos e se concentrou nas palavras de Megan.

— Que besteira. Alguém poderia ter passado por mim escondido. Eu mal estava prestando atenção.

— Alguém passou por você escondido em uma sala branca e silenciosa? Quem foi, Henry, um rato ou bailarino?

— Então você acha mesmo que eu o matei? — Todo o argumento dela se encaixou, e Henry se levantou em protesto. — Mas, Megan, há uma coisa que você não mencionou. Eu posso ter ficado sentado aqui desde a hora do almoço, cuidando da minha própria digestão, mas você esteve bem aqui comigo.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é verdade, em parte. Consigo pensar em pelo menos três vezes que saí para tomar um ar fresco. Será por isso que você andou fumando tanto, só para me expulsar? Não sei quanto tempo leva para cravar uma faca nas costas de alguém, mas imagino que possa ser feito rapidamente. Lavar as mãos depois provavelmente ocupa a maior parte do tempo.

Henry sentou-se novamente.

— Meu Deus — ele se esforçou para ficar confortável —, você está falando sério, não é? Acabamos de encontrar nosso amigo morto no andar de cima e você está realmente sugerindo que eu o matei? Baseada no quê? No fato de eu estar sentado perto de uma escada? Desde quando nos conhecemos? Há quase dez anos?

— As pessoas mudam.

— Bem, isso é verdade. Hoje, acho Shakespeare superestimado e não vou mais à igreja. Mas espero que alguém me avise caso eu saia de casa sem minha noção de moral.

— Não leve tanto assim para o lado pessoal. Estou apenas unindo os pontos. Você esteve aqui o tempo todo, não é?

— Não levar para o lado pessoal? — Henry balançou a cabeça, sem acreditar. — Você nunca leu uma história policial, Megan? Existem milhões de maneiras de fazer aquilo. Talvez até haja uma passagem secreta que leva ao andar de cima.

— Isso aqui é a realidade, Henry. Na vida real, se houver apenas uma pessoa com motivo e oportunidade, ela geralmente é culpada.

— Motivo? E qual seria exatamente o meu motivo?

— Por que o Bunny nos chamou aqui?

— Eu não sei.

— Eu acho que você sabe. Após cinco anos de silêncio, ele nos envia uma carta nos convidando para sua casa na Espanha. E nós dois viemos correndo. Por quê? Porque ele estava planejando chantagear a gente. Você devia saber disso.

— Chantagear a gente? Pelo que aconteceu em Oxford? — Henry dispensou a ideia com um gesto. — Era o Bunny quem dirigia o carro.

— Nós não éramos exatamente inocentes, não é?

— Que besteira. Eu vim porque o Bunny me disse que você estaria aqui, que você queria me ver. Não havia nada sobre chantagem.

— Você está com a carta dele aí?

— Não.

— Então só temos a sua palavra quanto a isso?

Henry olhou vagamente para o chão.

— Eu ainda amo você, Megan, por isso vim. Bunny sabia exatamente o que dizer para me trazer aqui. Não acredito que você pense que eu seria capaz de fazer algo assim.

Ela não se comoveu.

— Eu gostaria de poder viver no seu mundo, Henry. Você provavelmente está imaginando que vamos começar a cantar a qualquer momento.

— Estou apenas dizendo como me sinto.

— E como eu disse, estou apenas unindo os pontos.

— A não ser que...

Megan olhou para ele, desconfiada. A faca tremeu em sua mão.

— A não ser o quê, Henry?

Ele se levantou de novo, levou uma mão à cabeça e pressionou a outra contra a parede. A seguir, começou a andar de um lado para o outro.

— Não se preocupe, vou manter distância.

Megan ficou tensa; a ponta da faca seguiu os movimentos dele.

— E se, quando você saiu por alguns minutos para tomar ar fresco, eu também tivesse saído? Eu poderia ter feito isso. Você não saberia se eu tivesse saído. E então o assassino poderia ter atacado.

— E você saiu?

— Sim — respondeu Henry, sentando-se novamente. — Fui buscar um livro no meu quarto. Foi quando o assassino deve ter passado por mim.

— Você está mentindo.

— Não estou.

— Está sim. Você teria mencionado isso antes, se fosse verdade.

— Eu esqueci, foi isso.

— Henry, pare. — Megan deu um passo na direção dele. — Não estou interessada em ouvir mentiras.

Ele estendeu a mão; ela não estava tremendo.

— Ora, veja só. Estou dizendo a verdade.

Megan chutou a perna da poltrona, e a mão dele virou uma garra quando se firmou no apoio de braço.

— Essa conversa já foi longe demais. Eu só quero saber o que você planeja fazer a seguir.

— Bem, não há telefone aqui, então eu correria para a vila e chamaria a polícia e um médico. Mas se você planeja dizer a eles que sou culpado, isso dificulta bastante as coisas para mim, não é?

— Podemos nos preocupar com a polícia mais tarde. Agora só quero ter a certeza de que, se eu abaixar esta faca, não acabarei deitada na cama ao lado de Bunny. Por que você o matou?

— Eu não o matei.

— Então quem matou?

— Um estranho deve ter invadido a casa e o matado.

— Por que motivo?

— Como eu saberia?

Megan se sentou.

— Olha, vou ajudar você, Henry. Não acho inconcebível que você tenha alguma justificativa para matar o Bunny. Ele conseguia ser cruel, nós dois sabemos disso. E imprudente. Posso até perdoá-lo por isso, com o tempo. Mas se quer que eu minta por você, então deve parar de testar minha paciência. Por que agora? E por que desse jeito?

— Megan, isso é loucura.

Henry fechou os olhos. O calor estava insuportável com todas as portas e janelas fechadas. Ele sentiu que os dois eram espécimes suspensos em óleo, sendo estudados por alguém.

— Então você ainda está defendendo a sua inocência? Caramba, nós já conversamos sobre isso, Henry! Você foi julgado e condenado pelo júri de doze vasos de plantas que decoram o corredor. Você esteve aqui o tempo todo. O que mais é possível dizer?

Ele enfiou a cabeça nas mãos.

— Só me dê um momento para pensar. — Os lábios se moveram silenciosamente enquanto ele repetia as acusações de Megan. — Você me deu uma tremenda dor de cabeça.

Indo contra o bom senso, Henry se abaixou e pegou o violão do chão ao lado dele. Começou a dedilhar as cinco cordas restantes.

— Será que ele poderia estar se escondendo no andar de cima quando voltamos do almoço? — A testa de Henry estava pingando suor. — Não há como ele ter ido embora, a menos que tenha sido bem no momento em que voltamos. De fato. De fato, acho que entendi.

Ele ficou de pé novamente.

— Acho que agora sei o que aconteceu, Megan.

Ela ergueu a cabeça na direção de Henry, como um aceno de encorajamento ao contrário.

— Megan, sua pequena víbora — disse ele. — Sua serpentezinha calculista. Foi você quem matou o Bunny.

Megan nitidamente não havia se impressionado.

— Não seja ridículo.

— Vejo que você planejou bastante. Aqui estamos, dois suspeitos com a mesma oportunidade e um motivo grande o suficiente para englobar nós dois, de modo que tudo o que você precisa fazer é negar ser a assassina, e a culpa recai sobre mim. Dessa forma, tudo se resume a qual de nós é o melhor ator, e ambos sabemos a resposta para isso.

— Como argumentei, Henry, você ficou sentado aqui a tarde toda, guardando sua presa. Então, como eu poderia ter matado o Bunny?

— Não há necessidade de me incriminar, de falsificar provas. Não quando você pode simplesmente negar tudo, até ficar com a garganta seca. Esse era o seu plano o tempo todo, não era? Quando a polícia chegar, eles encontrarão dois estrangeiros e um cadáver. Um desses estrangeiros será eu, nervoso e incoerente, tentando argumentar que alguém deve ter rastejado de cabeça para baixo pelo teto para subir a escada sem ser visto, e o outro será você, perfeitamente sob controle, negando tudo. A inglesa delicada contra o macho bruto. Nós dois sabemos em quem eles vão acreditar, e como posso convencê-los do contrário? Eu não sei nem pedir um café neste maldito país.

— Essa é a sua teoria, é? Então, como eu passei sem ser vista por você, Henry? Eu rastejei pelo teto, como você sugere? Ou você inventou alguma coisa mais convincente nos últimos vinte segundos?

— Eu não preciso fazer isso. Essa é a pergunta errada. — Ele se levantou e foi até a janela, sem mais temer Megan. — É verdade que o último andar desta casa está trancado. E que essa escada é a única entrada para ele. E é verdade que eu fiquei sentado aqui a tarde toda, desde o almoço, quando Bunny subiu para o quarto dele. Eu nem usei o banheiro. Mas também é verdade que, quando voltamos, e eu estava com muito calor e sujo da estrada, fui me lavar. E eu a deixei sentada sozinha, bem aqui. Quando voltei, você não tinha se mexido. Levei cerca de nove ou dez minutos para lavar o rosto, pescoço e mãos; foi tão breve que quase esqueci. Mas quanto tempo leva cravar uma faca nas costas de alguém?

— Isso foi horas atrás.

— Três horas atrás. E há quanto tempo você acha que ele está morto? Há sangue por todo o corredor.

— Nós tínhamos acabado de entrar; o Bunny tinha acabado de subir a escada. Ele nem estaria dormindo naquele momento.

— Não, mas Bunny estava bêbado o suficiente, isso não teria sido um problema. Assim que se deitou de bruços no colchão, ele ficou totalmente indefeso.



— Então é isso? Você está me acusando de ter matado o Bunny? — Henry sorriu, orgulhoso da própria lógica.

— Isso mesmo, estou sim.

— Seu tolo patético e pretencioso. Ele está morto e você quer fazer joguinhos? Eu sei que foi você. Por que está fazendo isso?

—Sou capaz de lhe fazer essa mesma pergunta.

Megan fez uma pausa e pensou no assunto. A mão segurando a faca relaxou. Henry estava olhando pela janela agora, havia um halo de colinas vermelhas através do vidro sujo. Ele a estava provocando com a ausência de medo; era uma maneira de afirmar sua autoridade.

— Compreendo o que está fazendo — falou ela. — Vejo claramente agora. É uma questão de reputação, não é? Eu sou uma atriz. Um escândalo como esse me arruinaria. Enquanto houver a menor sombra de dúvida, minha reputação estará abalada. Você pensa que tenho mais a perder do que você, então preciso cooperar?

Henry se virou, bronzeado pela luz do dia nas costas.

— Você acha que isso tem a ver com sua reputação profissional? Nem tudo gira em torno de sua carreira, Megan.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Não, você não admitiria, não é? Primeiro, você vai me mostrar como está disposto a ser teimoso. E depois o quê? Quando me convencer de que não posso vencer, que minha carreira será arruinada se eu não cooperar, você fará sua proposta. Vai inventar algum tipo de história e me pedir para corroborar. Se é disso que se trata, é melhor me contar a verdade.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Não sei por que você continua dizendo todas essas coisas. Eu expliquei as circunstâncias do crime, mas mesmo o melhor detetive não pode fazer nada diante da negação completa. Eu poderia arrancar os cabelos, mas não acho que a calvície me cairia bem.

Ela olhou para Henry. Nenhum dos dois disse nada por um minuto. Finalmente, Megan pousou a faca na mesa a seu lado e girou a ponta para longe dele.

— Tudo bem — cedeu ela. — Pegue seu violão e continue tocando. Estou acusando você e você está me acusando; obviamente, estamos presos nesta situação. Mas se você acha que eu sou o tipo de mulher que vai ceder e se convencer de que o céu é verde só porque um homem está dizendo isso, então me subestimou.

— E se você acha que pode simplesmente bater o pé e fazer charme para que eu confesse algo que não fiz, superestimou seus poderes.

— Ah — Megan pestanejou —, mas eu pensei que você ainda me amasse...

Henry sentou-se na poltrona oposta à dela.

— Eu amo, e é isso que torna essa situação tão enlouquecedora. Eu vou perdôá-la por tudo, se você simplesmente admitir que o matou.

— Então vamos falar a respeito de uma coisa que nunca conversamos antes. — Megan pegou a faca novamente; medo genuíno apareceu nos olhos dele por um momento. — Você tem um lado violento, Henry. Eu já o vi bêbado, já o vi brigar com estranhos porque não gostou do jeito que eles estavam olhando para mim. Eu já o vi gritando, berrando e quebrando copos. Você vai negar tudo isso também?

Ele olhou para o chão.

— Não, mas isso foi há muito tempo.

— E você já me viu tendo esse comportamento algum dia?

— Talvez não, mas você sabe ser cruel.

— Uma língua afiada nunca matou ninguém.

Henry deu de ombros.

— Então, eu tenho um pavio curto. É por isso que não se casou comigo?

— Não foi só por isso. Mas não ajudou.

— Eu estava bebendo muito naqueles dias.

— Você estava bebendo muito hoje, durante o almoço.

— Não muito. Não como naquela época.

— Foi o suficiente, claramente.

Ele suspirou.

— Se eu quisesse matar o Bunny, teria feito isso de uma maneira melhor do que essa.

— Henry, eu sei que foi você. Nós dois sabemos que foi você. Do que está tentando me convencer, exatamente? Que estou ficando louca?

— Eu poderia dizer a mesma coisa, não é?

— Não, não poderia. — Megan pegou a faca e apunhalou o braço da poltrona; a lâmina passou direto pelo estofamento e cravou na madeira. — Bunny está lá em cima pingando como uma torneira, e estamos aqui simplesmente discutindo. O que a polícia vai pensar quando descobrir como passamos a tarde?

— Isso parece um pesadelo.

Megan revirou os olhos.  
— Outra metáfora barata.  
— Bem, se é assim que vamos passar a tarde, eu gostaria de estar com uma bebida na mão. Gostaria de se juntar a mim?  
— Você é doido — respondeu ela.  
E ele se serviu de uísque.

**MEIA HORA DEPOIS, NADA HAVIA MUDADO; OS DOIS EXAMINARAM A SITUAÇÃO** várias vezes e não chegaram a nenhuma conclusão.

Depois de terminar a bebida, Henry segurava o copo vazio diante do rosto, olhando através do vidro para a sala achatada e vazia, movendo a mão de um lado a outro. Megan o observou, imaginando como ele poderia se distrair tão facilmente.

Ele a olhou.

— Vou tomar mais um e pronto. Tem certeza de que não quer?

As portas e janelas ainda estavam fechadas, e a sala estava sufocante. Era como se eles tivessem concordado em infligir aquele calor a si mesmos como um castigo.

Megan concordou com a cabeça.

— Vou beber com você.

Ele resmungou e foi até o armário. Com o decantador alto de uísque, encheu dois copos. A bebida estava quente, obviamente. Henry pegou um copo, girou-o de modo ritmado e passou o outro para ela. Os olhos de Megan se arregalaram diante do tamanho da dose, eram dois terços cheios do copo.

— Uma última bebida — disse ele.

— Precisamos discutir o que fazer a seguir — falou ela —, presumindo que nenhum de nós vai confessar. Precisamos mesmo envolver a polícia? Ninguém sabe que estamos aqui. Talvez possamos simplesmente ir embora à noite.

Henry tomou um gole de uísque em silêncio. Eles ficaram sentados assim por vários minutos, com Megan protegendo o copo com a mão. Quando finalmente o elevou, ela fez uma pausa antes de tocá-lo nos lábios.

— Como sei que isso não está envenenado?

— Podemos trocar de copos — sugeriu ele.

Megan deu de ombros. A conversa não pareceu valer o esforço. Ela tomou um pequeno gole.

— Está bom — disse Megan, sendo encarada por ele em silêncio, de uma maneira que a deixou incomodada. — Por outro lado, para evitar dúvidas...

Henry suspirou e passou seu copo para Megan, que o trocou com o dela. Henry recostou-se na poltrona, exausto, e ergueu o copo.

— Ao Bunny.

— Ao Bunny, então.

O uísque era tão alaranjado e ardente quanto o pôr do sol iminente. Henry apanhou o violão e dedilhou a mesma música desajeitada de antes.

— Estamos de volta onde começamos — suspirou ele.

— Como eu disse, precisamos conversar sobre o que acontecerá a seguir.

— Você quer que eu diga que nós simplesmente podemos fugir juntos e fingir que nunca estivemos aqui? Como na última vez. Esse era o seu plano o tempo todo, não era?

— Por que está fazendo isso comigo? — Megan pousou o copo e balançou a cabeça. — É porque cancelei nosso noivado? Isso foi há muito tempo.

Tomar um gole da bebida tinha se tornado o principal meio de pontuar a conversa para Henry. Mas, em resposta àquilo, ele dedicou um tempo a mais e acendeu um cigarro.

— Vou repetir, Megan. Eu ainda a amo.

— É bom saber. — Ela o olhou com expectativa. — Já está tonto, Henry?

A princípio, ele ficou confuso, depois olhou para o copo. Henry tinha bebido quase tudo, a não ser por um dedo de uísque. Ele esticou a mão para o copo e descobriu que o braço esquerdo estava quase dormente. A mão disforme e desajeitada derrubou o copo no chão, que quebrou e formou um círculo marrom nos azulejos brancos. Henry encarou Megan.

— O que você fez?

O cigarro caiu da boca dele e entrou no corpo do violão, soltando uma espiral de fumaça que subia entre as cordas. O rosto dela não demonstrou emoção, apenas uma pitada de preocupação.

— Megan...

Ele caiu da poltrona, para a frente, com metade do corpo paralisado. O violão caiu para o lado. Henry ficou deitado de bruços no chão branco, tremendo sem ritmo.

— Esta é a questão sobre mentiras, Henry. — Megan se levantou e ficou de pé sobre ele. — Depois que a pessoa começa, não consegue parar. Ela tem que seguir até onde a mentira irá levá-la.



## 2

### A primeira conversa

---

**JULIA HART** ESTEVE LENDO EM VOZ ALTA POR QUASE UMA HORA, E A GARGANTA parecia cheia de pedras.

— Esta é a questão sobre mentiras, Henry. — Megan se levantou e ficou de pé sobre ele. — Depois que a pessoa começa, não consegue parar. Ela tem que seguir até onde a mentira irá levá-la.”

Grant McAllister estava sentado ao lado dela, ouvindo atentamente. Ele era o autor da história que ela acabara de ler, e a tinha escrito havia mais de vinte e cinco anos.

— Bem — disse ele, quando percebeu que Julia havia terminado —, o que você achou?

Ela abaixou o manuscrito, afastando suas anotações da vista de Grant.

— Eu gostei. Eu estava firme do lado da Megan, até o último parágrafo.

Ele captou a rouquidão na voz dela e ficou de pé.

— Quer outro copo d’água?

Ela concordou com a cabeça.

— Desculpe — falou Grant —, você é a primeira convidada que tenho em muito tempo.

A cabana dele ficava no topo de uma encosta pequena e arenosa que dava para a praia. Os dois estavam sentados em cadeiras de madeira embaixo do amplo alpendre durante a última hora, enquanto ela lia a história em voz alta. Grant a deixou ali, naquele momento, e desapareceu no interior da casa.

Uma brisa fresca vinha do mar, mas o calor do sol era opressivo. Ela teve que caminhar do hotel até a casa de Grant naquela manhã — quinze

minutos no calor metálico do Mediterrâneo — e podia sentir que a testa já estava levemente queimada.

— Aqui está.

Ele voltou com um jarro rústico de barro e o colocou na mesa entre os dois. Julia encheu o copo e bebeu.

— Obrigada, eu precisava mesmo disso.

Grant se sentou novamente.

— Acho que você estava dizendo que esperava que a Megan fosse inocente?

— Não exatamente. — Julia tomou outro gole d'água e balançou a cabeça. — Só que eu me senti solidária com ela. Conheci um número suficiente de homens como Henry, frágeis e cheios de autopiedade.

Ele concordou com a cabeça e bateu algumas vezes no braço da cadeira.

— A Megan tem os próprios defeitos, não acha?

— Ah, sim. — Julia sorriu. — Ela matou o Bunny, certo?

— A natureza dela — Grant escolheu cuidadosamente as palavras — não me parece confiável. Ela agiu de maneira suspeita desde o início.

Julia deu de ombros.

— Não sabemos o que aconteceu com os dois em Oxford. — Ela pegou o caderno e o colocou no joelho, segurando uma caneta com a outra mão. — Quando você leu a história pela última vez?

— Antes de morar aqui. Como você sabe, não tenho mais um exemplar do livro. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Tinha há vinte anos, provavelmente. Isso me faz sentir muito velho.

Grant se serviu de pouca água. Foi a primeira coisa que ela o viu beber a manhã toda. Havia um bote de madeira clara emborcado na praia abaixo deles; parecia o casulo abandonado de um inseto gigante. “Talvez Grant tenha saído rastejando de dentro do bote”, pensou Julia, sorrindo para si mesma. Uma criatura alienígena, imune ao calor e à necessidade de comer e beber.

— Então, o que vem agora? — perguntou ele. — Infelizmente, nunca editei um livro antes. Vamos analisá-lo frase a frase?

— Isso levaria muito tempo. — Ela folheou o manuscrito. — Não há muito que eu queira mudar. Alguns pontos onde o fraseado poderia ser mais econômico, talvez.

— É claro. — Grant empurrou o chapéu para trás e secou a testa com um lenço.

— Percebi algumas inconsistências na descrição da casa, mas presumi que fossem intencionais.

Ele parou por um momento e depois pendurou o lenço no braço da cadeira, para secar à brisa.

— Que tipo de inconsistências você quer dizer?

— Nada sério — respondeu Julia. — A disposição dos ambientes, por exemplo.

Ela olhou para Grant, que gesticulou para prosseguir, girando a mão em um círculo.

— O quarto onde o corpo foi encontrado é descrito como tendo uma janela no lado sombreado da casa, mas a faca provoca uma sombra, segundo a descrição. — Grant olhou para ela com uma expressão neutra, inclinando a cabeça para o lado. — Então, o sol está brilhando através da janela ou a casa está na sombra?

Ele levantou o queixo para indicar compreensão e inspirou.

— Isso é interessante. É possível que eu tenha cometido um erro.

— E os corredores nos andares superior e inferior parecem se estender em direções diferentes. Em um ponto, vemos Henry sentado em uma poltrona com as escadas à esquerda e um corredor que se estende para longe, na direção em que ele está voltado, enquanto a escada gira mais uma vez para a esquerda e o corredor de cima segue em frente. Então o piso superior realmente se encaixa no piso inferior?

Os olhos de Grant dispararam de um lado para o outro enquanto ele imaginava a casa. Ela continuou:

— E tem o sol. Parece estar se pondo, embora a história ocorra no verão, poucas horas depois do almoço.

Grant riu baixinho para si mesmo.

— Você é uma leitora extremamente atenta.

— Sou uma terrível perfeccionista, infelizmente.

— Mas você acha que esses erros foram intencionais?

— Peço desculpas se não foram. — Julia parecia um pouco envergonhada e se remexeu na cadeira. — É só que muitos desses detalhes pareciam estranhos. É como se tivessem sido colocados ali de propósito, apenas para introduzir essas inconsistências.

Ele secou a testa novamente.



— Estou muito impressionado, Julia. — Grant tocou as costas da mão dela com sua palma. — E você está certa. Eu costumava acrescentar inconsistências às minhas histórias para ver se passariam despercebidas pelo leitor. Era um jogo que eu costumava jogar, um hábito petulante. Estou impressionado que tenha notado.

— Obrigada — respondeu Julia, um pouco insegura, e ficou calada por um momento enquanto checava as anotações. — Pensei que talvez a história fosse uma representação do Henry no inferno, com as repetidas referências ao calor e à paisagem vermelha. Isso está correto?

— É uma teoria interessante. — Ele hesitou. — O que lhe deu essa impressão?

Julia passou o dedo por uma lista que fez no canto superior da página.

— Swedenborg descreve o inferno como um lugar que não obedece às regras usuais de espaço e tempo. Isso poderia explicar as impossibilidades espaciais e a cronologia estranha. Quando o rosto de Megan aparece na janela, é descrito como tendo um “brilho demoníaco”. E a primeira frase que ela fala na história afirma claramente: “é um inferno”. Há até uma citação de Milton, quando Henry está vasculhando a casa.

Grant abriu as mãos em um gesto de rendição.

— Novamente, isso é muito bem observado. Você provavelmente está certa. Suponho que a ideia devia estar no fundo da minha mente quando escrevi a história. Mas isso foi há tanto tempo, não consigo ter certeza.

— Bem — ela mudou ligeiramente de assunto —, se tratarmos todas essas discrepâncias como intencionais, então não há muito que eu gostaria de mudar a respeito da história em si.

Ele tirou o chapéu branco e o girou nas mãos.

— Então me deixe explicar como essa história se relaciona com o meu trabalho matemático. Esse é o principal motivo de você estar aqui, não é?

— Seria muito útil — disse Julia.

Grant recostou-se, com a ponta do dedo no queixo, e pensou na melhor maneira de começar.

— Todas essas histórias — falou ele — derivam de um artigo científico que escrevi em 1937, examinando a estrutura matemática de romances de assassinato. Eu o chamei de *As permutações da ficção policial*. Foi publicado em uma pequena revista, *Passatempos matemáticos*. Embora tenha sido um trabalho bastante modesto, a resposta foi positiva porque os romances de assassinato eram muito populares na época.

— Sim — concordou ela. — Aquela foi a era de ouro da ficção policial, como é conhecida agora. E você era professor de matemática na Universidade de Edimburgo?

— Correto. — Grant sorriu. — O objetivo daquela pesquisa era elaborar a definição matemática de um romance de assassinato. Eu acho que consegui, em termos gerais.

— Mas como? — perguntou ela. — Como se usa a matemática para definir um conceito da literatura?

— Essa é uma boa pergunta. Deixe-me dizer de outra forma: naquele artigo, defini um objeto matemático, que chamei de *romance de assassinato*, na esperança de que suas propriedades estruturais refletissem com precisão a estrutura desse gênero. Essa definição me permitiu determinar matematicamente os limites dos romances de assassinato e aplicar essas descobertas à literatura. Podemos dizer, por exemplo, que um romance de assassinato precisa atender a vários requisitos para ser considerado válido, de acordo com a definição. Em seguida, podemos aplicar essa mesma conclusão às histórias reais. Isso faz sentido?

— Acho que sim — disse Julia. — Então é quase como uma dessas listas de regras para escrever ficção policial, que várias pessoas inventaram?

— Sim, há alguma sobreposição, mas outra coisa que podemos fazer com nossa definição é descobrir toda a estrutura que tornaria válido um romance de assassinato. Pude listar todas as variações estruturais possíveis, o que não se faz com uma série de regras ou mandamentos.

— E essas são as chamadas permutações da ficção policial?

— Precisamente, o que se tornou o título do artigo.

Além de ser publicado como um trabalho de pesquisa, *As permutações da ficção policial* formou o apêndice de um livro que Grant escrevera, composto por sete histórias de romance de assassinato. Ele o chamou de *Os assassinatos brancos* e o publicou de forma independente no início dos anos 1940, com uma tiragem de menos de cem exemplares.

Julia havia entrado em contato com Grant em nome de uma pequena editora chamada Tipo Sanguíneo. Ela explicou que seu patrão, Victor Leonidas, havia descoberto recentemente um exemplar antigo de *Os assassinatos brancos* em uma caixa de livros usados e estava determinado a lançá-lo para um público mais amplo. Depois de uma troca de correspondências, Julia partiu para encontrar o autor recluso — um homem de meia-idade que

agora vivia sozinho em uma pequena ilha mediterrânea — para amarrar as pontas soltas e preparar o material para publicação. Algo que ambos concordaram era que, em vez de incluir o artigo de pesquisa como um apêndice, Julia escreveria uma introdução às sete histórias que serviria ao mesmo propósito: abordar as mesmas ideias, mas em um formato mais acessível.

— Mas deve haver um monte dessas permutações, não? — questionou ela.

— Na verdade, existem infinitas permutações, mas elas se dividem em um pequeno número de arquétipos. As principais variações estruturais podem ser contadas nos dedos das mãos. As histórias foram escritas para ilustrar essas grandes variações, incluindo a que acabamos de ler.

— Consegue explicar como?

— Sim — respondeu ele —, acho que sim. A definição matemática é simples. Infelizmente, é de uma simplicidade desapontadora. Efetivamente, a definição apenas lista os quatro ingredientes que compõem um romance de assassinato, com algumas condições aplicáveis a cada um.

— Quatro ingredientes. — Julia tomou nota disso.

— Eles são necessários e suficientes, de forma que qualquer coisa com esses ingredientes é um romance de assassinato, e que todo romance de assassinato deve contê-los. Vamos examinar um de cada vez.

— Isso parece fazer sentido.

— Bem — Grant inclinou-se na direção dela —, o primeiro ingrediente é um grupo de suspeitos; os personagens que podem ou não ser responsáveis pelo assassinato. Um romance desse gênero raramente terá mais de vinte suspeitos, mas não estabelecemos um limite máximo para o número permitido. Se você tem um romance de assassinato com quinhentos suspeitos, então pode ter um romance de assassinato com quinhentos e um. O mesmo argumento não se aplica ao limite inferior. Números negativos são, no mínimo, impossíveis. Então, deixe-me perguntar: se você fosse encarregada de reduzir o romance de assassinato a características básicas, qual é o número mínimo de suspeitos de que precisa para fazer a coisa toda funcionar?

Julia pensou na pergunta.

— É tentador responder quatro ou cinco, porque é difícil imaginar muitos romances policiais trabalhando com menos do que isso. Mas espero que você me diga que a resposta é dois.

— Correto. Se a pessoa tem dois suspeitos, e o leitor não sabe qual deles é o assassino, então ela tem um romance de assassinato. Dois suspeitos podem fornecer a mesma estrutura essencial que qualquer outro número.

— Seria um pouco limitador, talvez, em termos de personagens e cenário?

— Mas, como acabamos de ver, não é impossível. Portanto, o primeiro ingrediente é um grupo de pelo menos dois suspeitos. E embora normalmente existam três ou mais, há algo de especial no romance de assassinato com exatamente dois.

Julia estava fazendo anotações, e Grant esperou que ela o alcançasse. O suor da palma da mão dela deixou uma marca de caneta vermelha na página.

— Continue — pediu ela.

— É uma questão de lógica simples. Se houver apenas dois suspeitos, os dois sabem quem é o assassino. Isso deixa de ser verdade quando há três ou mais; nesse caso, apenas o assassino é capaz de ter certeza. Mas, com dois suspeitos, o inocente pode resolver o mistério através de um simples processo de eliminação: “Eu sei que não sou culpado, então o outro suspeito deve ser.” E aí apenas o leitor é quem não sabe a verdade. Por isso considereii significativo o romance de assassinato com dois suspeitos.

— E foi por essa razão que você escreveu esta história?

— Tanto Henry quanto Megan sabem qual deles é culpado. E sabemos que os dois devem saber. Mas ambos ainda estão negando. A ideia me divertiu.

Julia concordou com a cabeça e anotou aquilo; parecia bastante simples.

— Isso é muito útil, obrigada. — Ela parou para beber água novamente e virou uma nova página. — Gostaria de incluir algumas informações biográficas na introdução, apenas algumas frases sobre você. Onde nasceu, esse tipo de coisa. Tudo bem?

Grant pareceu incomodado.

— Isso não é um tanto quanto autocomplacente?

— Na verdade, não. Fazemos isso com todos os nossos autores. Apenas um fato interessante ou dois. Seus leitores vão querer saber quem você é.

— Entendo — disse ele.

Grant estava inclinado para a frente na cadeira, se abanando com o chapéu. Ele olhou para a mão tremendo como se aquilo fosse uma novidade e o movimento cessou.

— Não sei se há algo interessante que eu possa lhe dizer. Eu vivi uma vida muito simples.

Julia pigarreou.

— Grant — ela baixou o caderno e a caneta —, você era um professor de matemática. Do nada, produziu um único volume de romances de assassinato, mas nunca publicou mais nada. Agora você mora sozinho em uma ilha, a milhares de quilômetros de onde nasceu, em reclusão quase total. Para a maioria das pessoas, isso soa extremamente empolgante. Deve haver alguma história qualquer por trás disso, não?

Grant esperou um momento antes de responder.

— Na verdade, não, apenas a guerra. Eu servi no norte da África. Achei difícil voltar a ter uma vida normal depois disso. Mas essa experiência não é incomum para um homem da minha idade. Como não tinha compromissos, vim morar aqui.

Julia tomou nota da informação.

— Perdoe-me por entrar neste terreno pessoal, mas quando Victor me pediu para investigar seu paradeiro, escrevi para o departamento de matemática de Edimburgo. Conversei com um de seus colegas, o professor Daniels. Ele se lembrou de você e me disse que já foi casado.

Grant estremeceu.

— Sim, está certo. Foi há muito tempo.

— E ele disse que você partiu para esta ilha com pressa. Deve haver uma razão pela qual você escolheu vir. É lindo, mas é um lugar estranho para se morar.

Ele virou o rosto em direção ao mar.

— Eu queria estar longe da minha vida anterior, só isso.

— Mas por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Prefiro não explicar minhas razões, não quero publicá-las.

— Não precisamos incluir isso na introdução, se for muito pessoal. Mas não posso ajudá-lo a tomar essa decisão, a menos que me diga a verdade.

A expressão de Grant era severa.

— Não pedi sua ajuda.

— Tudo bem, então. — Julia permitiu que o momento passasse. — Talvez eu possa descrevê-lo como um artista incompreendido, vivendo isolado do mundo. Isso sempre soa adequadamente romântico.

Ele concordou com a cabeça, um pouco envergonhado pela própria indelicadeza.

— Eu moro sozinho em uma ilha, onde meus hobbies são matemática e pesca.

— Obrigada, isso é muito útil. — Ela fechou o caderno. — Tentei entrar em contato com sua esposa, mas não consegui localizá-la. No fim, não importava, é claro. O professor tinha um endereço seu, aqui nesta ilha. Apesar de desatualizado há vinte anos, minha carta ainda chegou até você. E você não tem outro parente?

Grant começou a se abanar com o chapéu novamente.

— Perdoe-me, mas estou me sentindo um pouco cansado. Essa foi uma conversa mais envolvente do que eu esperava. Por favor, podemos fazer uma pausa?

Julia sorriu; os dois tinham muito tempo.

— É claro — respondeu ela.

E ele colocou o chapéu de volta na cabeça.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM JANEIRO DE 2021